THE SHOES



FERDINANDO

HOMEM GILLETTE, OS SAPATOS

QUAL É A DIFERENÇA?

Era 10 de novembro de 1984, 9h30. Meu pai abriu a porta do meu quarto, deixou a luz entrar e disse: “Nando, os Carabinieri estão na porta perguntando por você. Que porra você aprontou?”

“Pai”, eu disse, “está de sacanagem comigo? Me deixa dormir. Cheguei tarde hoje de manhã. A Melania acabou comigo ontem.”

“Quem é essa porra de Melania? Levanta essa bunda, lava a cara, se veste e vem para cá. Fala com eles e descobre o que querem.” “Tá bom, já vou.”

O marechal Posca e o vice-brigadeiro Patanè conferiram meu documento e então me disseram: “Se o senhor não se apresentar no dia 17 de novembro na Escola de Tropas Blindadas Ferrari Orsi, em Caserta, para cumprir a obrigação do serviço militar, a Procuradoria Militar vai expedir um mandado de prisão amanhã logo cedo. Nós viremos buscar o senhor e o levaremos para a cadeia.”

Olhei para eles e disse: “Querem um café? Acabei de acordar. Volto já e vocês me contam a segunda metade desse filme. Vocês são engraçados, tenho que admitir.”

Meu pai fez sinal aos militares de que eu não batia bem da cabeça, e eles se detiveram. Quando voltei da cozinha, perguntei se eu deveria ter recebido uma carta de convocação. Eles tinham um recibo assinado pela minha mãe, que naquele exato momento estava no trabalho.

Sem perder mais um segundo, pedi desculpas pelo mal-entendido e garanti que estaria lá no dia marcado, pronto para vestir aquelas roupas que a gente usa por doze meses até vencerem feito iogurte.

Eu me preparei. Na noite em que parti, meu pai se despediu com um aceno de braço. Quando pedi que acrescentasse alguma coisa às minhas poucas liras — o equivalente a dez euros de

hoje — ele disse: “Faz render. Você vai receber 60.000 liras por mês. É tudo o que vai ter para viver.”

Minha mãe fingiu que estava dormindo e não respondeu. Às 23h45, meu amigo Oreste veio até a minha casa no Fiat 850 do pai — o pai dele trabalhava na ferrovia — e me levou à estação. Na época não entendi o comportamento dos meus pais. O que eles fizeram me pareceu normal. Aquela foi a minha primeira lição de verdade.

Cheguei a Nápoles às 6h10 da manhã seguinte, depois peguei um trem para Caserta. Na estação, perguntei o caminho do quartel e andei mais trinta minutos até o portão. Apresentei-me ao oficial de dia, que disse: “Mais um atrasado, contingente 9/84.” Eu estava entrando numa casa nova. Sairia dela um ano depois.

Me mandaram direto para o almoxarifado. Me entregaram uma mochila, dois pares de coturnos — um baixo, um alto —, um cinto, meias de lã, duas marmitas, uma caneca, um cantil, uma caixa de aço para remédios, tênis, a farda camuflada, um boné, um uniforme de gala, um fez para usar no quartel, duas cuecas samba-canção saídas diretamente da Primeira Guerra Mundial e duas camisetas de lã de manga comprida. Sorri, sem perceber ainda o quanto aquelas camisetas iam salvar a minha vida.

Parecia que eu estava dentro de um filme. Saí assobiando, e um oficial que vinha na minha direção me parou e me deu dois dias de punição por não ter batido continência para ele. O destino decidiu que eu ficaria confinado ao meu beliche por quarenta e oito horas, sem ver ninguém.

Por duas manhãs seguidas peguei o serviço de latrina: limpar as privadas depois que 280 homens tinham cagado — e nem todos tinham conseguido acertar lá dentro. Não tive nojo. Aquilo também era serviço militar. Eu precisava ver e aprender que nem todo mundo caga da mesma cor, e não é só por causa da comida.

Depois de uma semana, um colega de farda de perto da minha cidade veio me ver. Chamava-se Franco Nicolò, contingente 5/84. Na vida civil, era representante comercial de uma marca de sapatos mundialmente famosa. Foi com a minha cara. Depois de quarenta dias, conseguiu me arranjar uma licença de quarenta e oito horas, e voamos juntos para casa no carro dele. Oito horas de estrada, mas valeu a pena.

Em casa, minha mãe me perguntou se eu tinha fugido. Ela esperava se ver livre de mim por muito mais tempo. À meia-noite de domingo, Franco passou para me pegar e começamos a viagem de volta.

Quando entrei no carro, ele me mandou segurar entre as pernas um garrafão de cinco litros de vinho. Era para o marechal dele — um jeito de ficar nas boas graças do homem. Só que, quando chegamos ao quartel, estávamos bêbados. Na mesma hora nos declaramos doentes por dois dias.

Depois um oficial ameaçou Franco em público. Franco respondeu: “Assim que a gente puser o pé fora do quartel, eu te dou um tiro.” O oficial mandou prendê-lo e levá-lo à corte marcial. Ele pegou sessenta dias de prisão militar.

Nunca mais o vi por lá, porque fui transferido para outro lugar. Mas, quando aquele tempo acabou, a gente se encontrava com frequência perto do trabalho e comia junto, lembrando o vinho do marechal.

Ele tinha aberto lojas de sapatos self-service, e os negócios iam bem. Sempre que eu passava para comprar alguma coisa, recebia tratamento de rei — desconto em cima de desconto. Mas só eu sabia que ele era melhor vendedor do que eu. Nunca disse uma palavra. Eu já era um HOMEM GILLETTE.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE RECRUTAS

Começou a instrução: desmontar e remontar um fuzil, depois outro, depois uma pistola. Limpá-los. Marchas, corrida, intervalos, o refeitório, os serviços essenciais do quartel, o rancho dos praças, o rancho dos suboficiais e o rancho dos oficiais.

Era Natal, nove da noite, um frio de congelar. Aquelas camisetas de lã foram a salvação, principalmente quando começamos os primeiros serviços de guarda. Depois nos premiaram com quinze dias de guarda no paiol. Tomar banho era uma miragem. Dentro da cueca já não dava para distinguir um parasita da sujeira, nem uma pinta de um piolho.

A temperatura era uma loucura: trinta graus negativos. Mijar era impossível — congelava, e você andava por aí com uma estalactite de urina grudada no pau. Hahahahaha.

E, se você sequer pensasse em pegar no sono, corria o risco de punição e de cadeia. O problema não era para onde ir: estávamos de guarda ali mesmo, entre presos e fábricas de munição.

Numa noite de folga, eu estava a certa distância do círculo dos oficiais. Fiquei vendo mulheres lindas e perfumadas chegarem para o baile com seus oficiais, que irradiavam charme e poder. E comecei a entender a dificuldade que meu pai deve ter enfrentado aos vinte e dois anos, depois de deixar o serviço como capitão da cavalaria blindada. TANQUES. Justamente aquilo que eu deveria dirigir, só que eu não cabia dentro de um.

Mas uma tarde o comandante da minha companhia me chamou para uma missão externa. Eu devia acompanhar uma mulher de carro até Nápoles. Ninguém me disse quem ela era. Descobri depois: era a filha do general que comandava o quartel.

A escolha tinha recaído sobre mim, e ninguém sabia me dizer por quê. Eu era soldado; eram missões oficiais, pagas à parte. Mas o dinheiro não era a história toda.

Ela se chamava Carla. Trinta e oito anos, nunca casada, nunca noiva. Linda é pouco — provocante e maliciosa, para dizer o mínimo.

Foi a minha primeira obra de pe-nemerência, e não foi nada mau. Soube que ela me procurou de novo, mas àquela altura eu já tinha sido transferido para a companhia de atletas do Exército. Eu jogava rúgbi, e mais tarde entrei para a seleção militar.

OS SAPATOS

Sapato é uma coisa em que raramente pensamos a sério, embora tenha uma importância enorme para o corpo e para a mente. Naquele tempo, importava ainda mais que fosse de couro — o único material que mantinha os pés secos e o corpo inteiro funcionando.

Nunca gastei muitos sapatos. Tive pouquíssimos, e sempre tentei consertar os que tinha. Eu me importava com a função, não com a aparência. Você pode dar um chute na bunda de quem quiser com o sapato que quiser, e ninguém vê se ele é de grife.

Hoje minha esposa me pede para parar numa loja de sapatos self-service. Lembro que aquela loja um dia foi do Franco, meu colega de farda, e entramos.

Quarenta anos se passaram. Continua igual — a mesma disposição. Enquanto minha esposa escolhe os sapatos, ela vai me passando as caixas para segurar antes de seguir para os bancos e experimentá-los.

Nesse meio-tempo, uma mulher pergunta onde fica a seção feminina, e eu indico o caminho. Um senhor pergunta se um determinado sapato tem no número 41, e eu digo que esse número está esgotado. Duas mulheres que experimentam sapatos pedem a minha opinião, e eu digo que elas ficam maravilhosas com aqueles pares.

Minha esposa não percebe nada. Durante vinte minutos, sem nem me dar conta, virei o vendedor da loja. Todo mundo vem falar comigo. Respondo aos homens com frieza e má vontade, enquanto as mulheres recebem toda a minha admiração pelas escolhas que fazem.

O caixa lota e quase entra em pane. O dono não consegue entender o que está acontecendo. Pagamos nossos sapatos e vamos saindo, mas antes pergunto se ele conhece o Franco. “Conheço”, diz ele, “é meu pai.” “Então mande um abraço meu para ele.”

Na saída, as mulheres apontam para mim e acenam. Minha esposa continua sem perceber nada.

O problema vem umas duas horas depois, quando minha filha quer voltar à loja de sapatos. Lá, o filho do dono me chama de lado e diz: “Senhor Frega, eu não falei nada no caixa. Não queria que os clientes ouvissem e fizessem uma cena. Meu pai sofreu um acidente terrível em 2021, e em 2023 ele nos deixou.”

Sinto muito, de verdade. Conto ao filho uma história que vivi com o pai dele, e ele me abraça forte, com lágrimas nos olhos.

Minha filha compra os sapatos, paga, e vamos embora. Ao se despedir, o filho grita: “Venha me visitar. Preciso de vendedores como o senhor, que trabalhem de graça.” E eu digo: “Você não baixou os meus livros, baixou?”

Ele sorri. E a vida segue.

Ferdinando